

**PESQUISA E PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO EM CENÁRIO
PANDÊMICO: O CASO DOS PÓS-GRADUANDOS DO PPGE/UFAM¹**

**EDUCATION RESEARCH AND RESEARCHERS IN A PANDEMIC
SCENARIO: THE CASE OF PPGE/UFAM GRADUATE STUDENTS**

Camila Ferreira da Silva²

Kassia Silva Almeida³

Micaelle Cardoso de Souza⁴

Resumo: A pandemia do novo coronavírus tem implicado transformações em todos os setores da vida social, neste artigo ocupamo-nos de uma análise de seus impactos no campo científico. Com o objetivo central de compreender as mudanças que a pandemia tem ocasionado no cotidiano dos pós-graduandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, desenvolvemos um estudo exploratório, quanti-qualitativo, situado na Sociologia da Educação. O estudo se ocupou das experiências desses jovens pesquisadores quanto às transformações em suas vidas e em seus projetos de pesquisa, a partir do isolamento e suspensão de atividades presenciais devido à pandemia da Covid-19. Os resultados revelaram que a pandemia tem acarretado consequências de ordens pessoal, profissional e acadêmica para esses pesquisadores, dentre as quais destacamos: isolamento social; afastamento do campus universitário e de seus recursos; aumento da carga de trabalho para mulheres; redimensionamento dos projetos, com destaques para aqueles de abordagem qualitativa e que previam inicialmente pesquisa de campo.

Palavras-chave: Pesquisa em Educação; Pós-Graduação; Pandemia.

Abstract: The new coronavirus pandemic has implied transformations in all sectors of social life, in this article we focus on an analysis of its impacts in the scientific field. With the main objective of understanding the changes that the pandemic has brought about in the daily lives of students of the Graduate Program in Education at the Federal University of Amazonas, we developed an exploratory study, quantitative and qualitative, situated in the Sociology of Education. The study was concerned with the experiences of these young researchers regarding the transformations in their lives and in their research projects, from the isolation and suspension of face-to-face activities due to the Covid-19 pandemic. The results revealed that the pandemic has had personal, professional and academic consequences for these researchers, among which we highlight: social isolation; distance from the university campus and its resources; increased burden of work for women; resizing of projects, with emphasis on those with a qualitative approach and which initially provided for field research.

Keywords: Education Research; Graduate Programmes; Pandemic.

¹ Artigo produzido a partir do apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doutora em Ciências da Educação (Universidade Nova de Lisboa/Bolsa Erasmus Mundus), com Pós-Doutorado em Sociologia Política (Universidade Federal de Santa Catarina). Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas, Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: cfsilva@ufam.edu.br

³ Acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas e Pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFAM). E-mail: kassia.silva.almeida17@gmail.com

⁴ Acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas e Pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFAM). E-mail: souza.micaellecardoso@gmail.com

1 Introdução

A pandemia do novo coronavírus, declarada como tal em 30 de janeiro de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), tem modificado a vida social em todo o mundo e, para além dos processos de combate à disseminação do vírus – desde o isolamento social à corrida pelas vacinas –, esta pandemia tem recolocado no centro do debate público a questão das desigualdades sociais e a consequente vulnerabilidade a que grupos e populações inteiras estão submetidos. Conforme Santos (2020), compreendemos que estas questões antecedem a pandemia, ao passo que são potencializadas por ela, corroborando formas bastante heterogêneas de experienciar a quarentena – sobretudo se observarmos grupos sociais como idosos, refugiados, deficientes, moradores de rua, mulheres, negros e negras, trabalhadores informais, entre outros.

Oliveira (2020), ao tomar à análise os contornos da pandemia no Brasil, assevera que há diferenças sociais que não permitem uma universalização da quarentena para todos os cidadãos, e que a ideia de um “novo normal” acaba por encobrir uma visão conservadora de normalidade, numa tentativa de invisibilização das desigualdades sociais. O autor avança na análise demonstrando como o caso brasileiro é ainda mais complexo, dados os movimentos de consolidação de uma onda negacionista e anti-intelectualista, a qual incide necessariamente sobre o avanço da pandemia e de seus efeitos. No momento da escrita deste artigo, o país registra mais de 659.000 mortes e ultrapassa os 29 milhões e meio de casos confirmados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022) e, em contrapartida, a vacinação da nossa população tem caminhado a passos lentos.

Frente a esse cenário, este artigo toma à análise um campo social específico para compreender os principais impactos da pandemia: estamos a falar do campo científico. Os pesquisadores brasileiros, em meio à pandemia, vivenciam movimentos contraditórios que desenham, de um lado, uma esperança depositada pela sociedade em torno das investigações para o combate à pandemia e o avanço da vacina e, de outro, a onda negacionista e anti-intelectualista que apontamos anteriormente. Esses movimentos vão ganhando contornos próprios nas diferentes áreas do conhecimento e, apoiando-nos em Carraca (2020) para superar a separação entre ciências *hard* e ciências *soft*, compreendemos que as Ciências Humanas e Sociais têm seus papéis reconsiderados em uma perspectiva de cooperação com as demais áreas do conhecimento para pensar a saúde pública e as condições e relações sociais desiguais em um cenário pandêmico.

Nesse sentido, nosso objetivo central consiste em compreender as transformações que a pandemia tem acarretado no cotidiano de pesquisadores em formação, mais precisamente os pós-graduandos da área de Educação. A realidade sobre a qual nos debruçamos tem figurado como um dos epicentros da pandemia no Brasil, o estado do Amazonas, na região norte do país. Nossos sujeitos de pesquisa são pós-graduandos matriculados no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Sabendo que a pandemia acarretou um processo de readequações significativas no campo educacional e no campo científico, interseção em que se encontra a pós-graduação – o que foi marcado por suspensão das aulas presenciais, novos modelos de ensino emergenciais (a exemplos do ensino remoto e do ensino híbrido) e readequações dos projetos de pesquisa –, nossa mirada incide sobre a repercussão dessas mudanças para aqueles que se encontram na ponta da formação, os discentes. Em sentido mais lato, como suas vidas foram afetadas? E em sentido mais estrito: como o cotidiano na pós-graduação foi modificado? E quais as principais implicações desse cenário para suas investigações de mestrado e doutorado? Estas são as questões norteadoras do nosso estudo, as quais nos permitiram compreender melhor como os jovens pesquisadores da área têm atravessado este cenário e como suas pesquisas têm sido redimensionadas frente à impossibilidade de realização de frentes de investigação já consolidadas na Educação (pesquisa qualitativa, pesquisa de campo, instituições educacionais como principais lócus de pesquisa etc.).

2 Design metodológico do estudo

A tarefa de analisar as consequências do cenário pandêmico ocasionado pelo coronavírus, tanto nas pesquisas como na vida dos pesquisadores, seja em aspectos emocionais, sociais, intelectuais, culturais, políticos ou financeiros e entre outros, desenhou-se como um desafio em seu processo operacional, visto que a publicação dos decretos que estabeleciam medidas restritivas visando o distanciamento social e consequentemente a redução na taxa de infecção no estado do Amazonas impactou o design que traçamos.

A rotina de pesquisa na universidade também foi profundamente alterada, uma vez que os grupos de pesquisa não podiam se reunir presencialmente, os acervos e fontes históricas e culturais físicos não podiam ser consultados, as bibliotecas não podiam ser visitadas, e com o fechamento de salas, centros e laboratórios de pesquisa, o convívio

cotidiano nesta instituição foi interrompido. Além disso, as pesquisas desenvolvidas no cenário universitário acabaram passando por remodelações frente aos limites próprios da pandemia. Observamos, então, que esses imperativos práticos para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa se colocavam tanto para nosso estudo quanto para os sujeitos que pretendíamos investigar, os pós-graduandos do PPGE/UFAM.

A pesquisa que originou o presente artigo se insere no campo das Ciências Humanas e mais especificamente na subárea da Sociologia da Educação, desdobra-se a partir de um estudo exploratório com abordagem quanti-qualitativa (DEL-FARRA; LOPES, 2013). A escolha desta abordagem se sustenta em uma perspectiva em que o pesquisador é capaz de apreender e identificar as potencialidades no uso das abordagens citadas e também as limitações de cada uma. O instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário do tipo semiestruturado, disponibilizado online por meio do *Google Forms* para os pós-graduandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM. As frentes quantitativa (relativa às expressões numéricas e mensuráveis do objeto de estudo) e qualitativa (ligada ao exercício de inferência no processo de análise dos dados) complementam-se em nosso estudo, revelando uma práxis científica dialógica no sentido da compreensão da realidade social aqui estudada (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

O questionário foi aplicado entre os dias 8 de abril e 24 de abril de 2021 e obteve 48 respostas entre mestrandos e doutorandos, a forma de recrutamento se deu via e-mail e WhatsApp, com o auxílio da coordenação do Programa em questão⁵. As questões do formulário online foram elaboradas e organizadas em três partes, nomeadamente: i) identificação; ii) caracterização enquanto pós-graduanda/o; e iii) pandemia e pós-graduação. Essas seções emergiram da necessidade de identificar quem são os sujeitos participantes do estudo, quais as características das investigações desenvolvidas por esses estudantes e quais as principais consequências experienciadas pelos pós-graduandos com o início da pandemia e com seus desdobramentos. Chamamos atenção para o fato de a aplicação do questionário ter se dado em pouco mais de um ano após o início da pandemia no Amazonas – que teve seu primeiro caso de Covid-19 confirmado em 13 de março de 2020 –, o que significa que os respondentes atravessaram um período relativamente longo sob o espectro da pandemia em suas vidas acadêmicas. Este intervalo temporal nos parece crucial à medida em que é revelador de um transcurso que possibilitou aos pós-

⁵ Projeto devidamente aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, sob o CAAE Nº 26041719.5.0000.5020.

graduandos refletir e modificar seus projetos de pesquisa e, ainda, pensar sua condição de estudante/pesquisador.

Vale ressaltar que a amostra foi constituída por adesão, ou seja, de acordo com o assentimento dos pós-graduandos ao instrumento, com isso o tratamento dos dados e resultados do estudo se desenvolveram por meio da categorização e com base na combinação de dois tipos de procedimentos estatísticos: a estatística descritiva, que tem como objetivos a “[...] descrição de dados, sejam eles de uma amostra ou de uma população” (FERREIRA, 2005, p. 8), e a estatística inferencial, que busca a obtenção de conclusões gerais a partir dos dados coletados, e tem como objetivo “[...] obter uma afirmação acerca de uma população com base numa amostra”.

Diante dessas informações podemos identificar que nosso estudo se deu no mesmo caminho em que as pesquisas desses discentes de pós-graduação, ou seja, fizemos uso de recursos tecnológicos para a aplicação de instrumentos e análise dos dados coletados. Isso nos fez refletir sobre como os próprios estudos sobre a pandemia e sobre a ciência na pandemia também padecem de novas dificuldades e limitações no atravessamento da pesquisa online. Compreendemos que nosso estudo, ao enfrentar as transformações que a pandemia desencadeou para as vidas dos pós-graduandos, precisou fazer uso de instrumentos de *e-research* exatamente porque foi igualmente atravessado pelo distanciamento social no que tange à aplicação do questionário. As reflexões, portanto, em torno das potencialidades e dos limites de fazer pesquisa com os contingenciamentos que a pandemia nos impõe se colocou como reflexão tanto para o nosso estudo, quanto para as investigações de nossos sujeitos de pesquisa.

3 Fazer pesquisa científica em tempos de pandemia: implicações para as Ciências Humanas e para a área da Educação

O ano de 2020 foi surpreendentemente marcado pela maior crise sanitária das últimas décadas: a pandemia causada pelo vírus Sars-Cov-2 (Covid-19), que teve sua primeira aparição confirmada na cidade de Wuhan, China. O processo de disseminação do vírus pelo país levou um mês e conseqüentemente ocasionou um alastramento rápido para o restante do mundo em torno de dois a três meses, chegando a quase meio milhões de mortes (WHO, 2020). Devido à insuficiência de pesquisas e estudos acerca da Sars-Cov-2, à proporção que o colapso avançava os governantes dos países que estavam sendo atingidos, juntamente com a Organização Mundial de Saúde, optaram por utilizar meios

não farmacológicos, passando assim a adotar critérios de restrições, bem como procedimentos de higiene pessoal.

À medida que este evento se expandia as “[...] restrição ou proibição ao funcionamento de escolas e universidades, locais de convívio comunitário, transporte público, além de outros espaços onde pode haver aglomeração de pessoas” (MALTA *et al.*, 2020a, p. 4) se tornavam mais intensas e amplas, afetando assim a vida social em todos os aspectos. Cabe ressaltar o quanto as pesquisas científicas foram essenciais neste cenário, posto que se tornou protagonista do processo de busca de compreensão do vírus, bem como no desenvolvimento de estudos para uma futura vacina. Em contrapartida, no Brasil e em outras latitudes, esta confiança na ciência foi acompanhada por um negacionismo que incidiu sobre as universidades e centros de pesquisa sob a forma de deslegitimação social e de cortes de recursos.

No Brasil, os estados e municípios se ajustaram às medidas advindas do Ministério da Saúde, bem como da própria OMS, em 6 de fevereiro de 2020, por meio da Lei Nº 13.979, o governo dispôs sobre as medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (BRASIL, 2020a). Nesta lei definiu-se o que seria isolamento e quarentena em busca de um alinhamento ao que estava sendo colocado em nível internacional, bem como se reconheceu o direito a tratamento e acompanhamento adequado para todos os cidadãos contaminados com o vírus.

O distanciamento social, por consequência, acaba sendo a restrição de contato social entre as pessoas por meio do fechamento de espaços públicos/privados, instituições, bem como a permissão de abertura dos diferentes espaços, desde que se utilizem os protocolos de prevenção sanitária orientados à população (SANTOS *et al.*, 2020, p. 110).

Com a pandemia e a quarentena a vida mudou: trabalhos presenciais foram destinados a *home office*, convivência familiar de forma intensiva, isolamento social, uso de máscara, quarentena, serviços essenciais mantidos, precarização profissional acelerada, entre outros. Destaca-se que devido a essa conjuntura criou-se a ideia de um “novo normal” pautado em um discurso excludente que não atende a parte marginalizada da sociedade brasileira, visto que essa concepção foi desenvolvida a moldes distantes da realidade desses sujeitos. Elaborando, assim, a visão irreal de um cenário acessível a todos, quando na realidade esta parcela social não pode gozar do privilégio de “ficar em casa”. Nesse sentido, chama-se atenção que “Para muitos e muitas o ‘novo normal’ é apenas uma versão piorada do ‘velho normal’ [...]” (OLIVEIRA, 2020, p. 202).

A emergência sanitária da COVID-19 revelou e aprofundou as distâncias entre grupos sociais, segmentos marginalizados e aqueles que têm o direito efetivamente ao isolamento social com dignidade, resguardados em seus domicílios e sem se expor ao risco alargado da contaminação (BARRETO; MONTEIRO, 2020, p. 27).

É notório que essas transformações desembocam em setores para além da saúde pública, dentre os quais temos a educação: conforme a Unesco (2020), temos que um total de 91% dos estudantes do mundo saíram prejudicados, alunos da educação básica e do ensino superior, dentre eles discentes/pesquisadores da pós-graduação.

As Instituições de Ensino Superior (IES) que capacitam seus alunos dentro de uma perspectiva de ensino baseada na tríade ensino, pesquisa e extensão, nunca foram tão importantes para o que nos aflige neste momento, pois corroboram de maneira inerente na busca incessante pelo conhecimento. A abordagem de resposta à situação pandêmica da COVID-19 deve passar pelo esclarecimento não só do número de casos e da transmissibilidade, mas também pelo impacto da epidemia no que diz respeito o quadro geral que ela atinge. É através de pesquisas científicas que se pode revelar quais são os fatores associados à infecção, desde fatores ligados à prevenção até os referentes à resposta governamental à pandemia (SOUSA *et al.*, 2020, p. 574).

Dentre as mudanças ocorridas nas IES brasileiras registramos a criação do Comitê Operativo de Emergência do Ministério da Educação (COE-MEC) (BRASIL, 2020b), assim como as orientações da portaria Nº 343/2020 do MEC, postada em 17 de março de 2020 – que previu a substituição das aulas presenciais para “[...] aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação” (BRASIL, 2020c). Diante disto, as medidas tomadas em relação à nova forma de ensino, incluindo aqui as IES, poderiam ocorrer normalmente desde que fosse cumprida a conduta do distanciamento social. Contudo, é preciso evidenciar que, entre estes encaminhamentos e a gestão universitária, temos que as atividades de ensino, pesquisa e gestão nas universidades foram ganhando dinâmicas específicas de acordo com a realidade de cada contexto.

Se as aulas remotas e o ensino emergencial atravessaram todas as áreas do conhecimento e, no âmbito do ensino superior, atravessaram também a graduação e a pós-graduação, na arena da pesquisa as especificidades das áreas ganham maior centralidade e acabam por determinar que elementos passam a contingenciar mais agudamente modificando as pesquisas e a forma de construir conhecimento. Nesse sentido, as Ciências Humanas e Sociais, com sua tarefa mais ampla de objetivar instituições e sujeitos sociais posicionados e atuantes na sociedade (BOURDIEU, 2004), passam imediatamente a ver-se mais distanciadas daqueles agentes que costumavam fazer parte de suas pesquisas. De igual modo, o isolamento social afetou, para além das investigações, a vida pessoal dos pesquisadores, uma vez que com afazeres extras em seus lares, atingiu a homens, mas

principalmente as mulheres cientistas, posto que “[...] ficaram afastadas de seus grupos de trabalho e das redes de apoio que tinham antes da pandemia, e acumularam papéis jamais imaginados por elas” (SOUTO-MARCHAND; GALVÃO; FERNANDES, 2020, p. 15).

O peso da pandemia se fez sentir no cotidiano daqueles dedicados às Ciências Humanas, desde março de 2020 as lives, os eventos científicos online, os projetos de extensão e de pesquisa, bem como os boletins das associações de pesquisa da área passaram a tematizar os desafios do ofício de pesquisador nesses tempos pandêmicos, se posicionar a favor da vida e contra a necropolítica que se consolidou no país – a exemplos do Boletim “Cientistas sociais e o coronavírus” da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)⁶, das lives “ANPEd Presente na Quarentena” da Associação de Pós-Graduação em Pesquisa em Educação (ANPEd)⁷ e das muitas notas em defesa da ciência e da vida, como a nota intitulada “O povo não pode pagar com a própria vida!”⁸ assinada conjuntamente pelas seguintes instituições Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Comissão Arns, Academia Brasileira de Ciências (ABC) e Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

No âmbito mais estrito do desenvolvimento de investigações nesse cenário pandêmico, as Ciências Humanas, que historicamente privilegiam a abordagem qualitativa e também uma combinação entre as abordagens quantitativa e qualitativa, ou ainda os denominados métodos mistos, têm enfrentado uma tarefa urgente de readequação dos desenhos metodológicos das pesquisas em andamento. As estratégias de pesquisa de campo, por exemplo, que se valem da busca de informações diretamente com a população pesquisada e de um encontro mais direto (GOLÇALVES, 2001), enfrentam limitações na transição do espaço presencial para o virtual. Seja para o ensino, seja para a pesquisa, o fator da desigualdade de acesso às tecnologias coloca-se como imperativo para discentes da pós-graduação e também para os seus sujeitos de pesquisa, uma vez que mesmo que se produza uma adaptação à e-research não há garantia de alcance dos sujeitos que se pretende pesquisar (CARNEIRO *et al.*, 2020).

⁶ <https://anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2325-boletim-semanal>.

⁷ Que já conta com 47 lives, todas disponíveis no canal da ANPEd no YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UCtytT97deMEYG2IPZ0H87Mw>.

⁸ <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/o-povo-nao-pode-pagar-com-a-propria-vida/>.

O uso das tecnologias para fins acadêmicos sempre fez parte do cotidiano dos estudantes, pesquisadores e professores. Porém, não era algo naturalizado ao ponto de substituir as demandas presenciais que a pesquisa determinava. Entretanto, devido ao contexto pandêmico, as ferramentas digitais ganharam destaque no mundo todo, auxiliando o processo de comunicação bem como o desenvolvimento de instrumentos, capazes de suprir boa parte das necessidades acadêmicas. É notório que esta realidade não atende 100% das pessoas, pois o acesso a esta vasta rede de tecnologia é limitado a poucos, especialmente no requisito qualidade. Este, por sua vez, é um elemento crucial quando tomamos à análise a realidade amazonense.

Este novo modo de fazer pesquisa trouxe modificações para os estudos, os quais tiveram que ser adaptados para que pudessem ter continuidade. Atualmente entendemos que, depois de garantida a vida, as atividades possam ser feitas de modo remoto, e que a possibilidade de “esperar tudo passar” já não é uma alternativa frente às plataformas digitais de ensino e pesquisa disponíveis. Pesquisas atuais apontam para um determinado período de dois anos ou mais para que tudo seja estabilizado (KISSLER *et al.*, 2020). Desse modo, deve-se partir da premissa de que o novo coronavírus impõe alterações significativas às IES e a todas as áreas do conhecimento, e que, dadas as especificidades das Ciências Humanas e Sociais, não há espaço para perspectivas que colocam o virtual como único caminho inexorável para o ensino e para a pesquisa, posto que os sujeitos, grupos, populações e instituições sociais que estudamos têm em seu cotidiano – presencial e virtual – os elementos que nos permitem compreender suas posições, relações sociais e questões conjunturais mais amplas das quais fazem parte.

4 O ofício de pós-graduando em tempos de pandemia: incertezas, vida pessoal e redimensionamentos nas investigações

Nossa amostra é composta por 48 estudantes de pós-graduação matriculados no PPGE/UFAM, 24 cursam o mestrado e ou demais 24 estão a cursar o doutorado. A maioria dos respondentes é natural do Amazonas, entre a capital e o interior temos 69% de amazonenses; na sequência temos 15% naturais de cidades do Pará; 4% da Paraíba; e 12% são naturais de outras localidades (Acre, Maranhão, São Paulo, Rondônia, além de um estudante de Moçambique e uma estudante da Romênia). Ainda em nível de caracterização inicial temos que: i) 71% dos respondentes são do sexo feminino, contra 29% do sexo masculino, corroborando uma tendência já consolidada nos programas de

pós-graduação da área da Educação (SILVA, 2017); ii) suas idades variam entre 24 e 53 anos, com maiores concentrações no intervalo entre 28 e 38 anos; iii) quando perguntados sobre a cor/raça com a qual se identificam, os respondentes constituem um grupo predominantemente de pardos (56%), seguido por brancos (27%), pretos (13%), indígenas (2%) e amarelos (2%).

Antes de adentrarmos na pandemia e nas suas implicações para as vidas e para o trabalho desses estudantes na pós-graduação, compreendemos a relevância de situar alguns elementos-chave para vislumbrar as condições de vida e de formação desses sujeitos antes da pandemia. Privilegiaremos, nessa segunda frente de caracterização: a situação parental (ser mãe ou pai), a situação profissional e a formação em nível superior antecedente à entrada no Programa de Pós-Graduação da UFAM. A maior parte dos respondentes possui filho/a/s, são 60% de mães/pais dentre os discentes do PPGE, e quando aprofundamos este dado observamos a seguinte configuração: desses discentes que possuem filhos, 76% são mulheres, enquanto somente 24% são homens. Conforme apontamos na seção anterior, a literatura tem demonstrado que, durante a pandemia, são as mulheres que acumulam papéis sociais e funções profissionais e domésticas aquelas para as quais esse cenário tem incidido com maior peso (RIBAROVSKA *et al.*, 2020).

Tratando das cientistas mães no Brasil, o grupo *Parent in Science*, que congrega pesquisadoras de várias universidades brasileiras, demonstrou o impacto da pandemia sobre a produção intelectual dessas mulheres a partir de uma pesquisa com mais de 15.000 cientistas, dentre discentes, pós-doutorandos e docentes: i) dentre os docentes que estão conseguindo manter-se produtivos na pandemia, as mulheres com filhos são aquelas que aparecem com percentual menor (4,1%), seguida pelas mulheres sem filhos (18,4%), homens com filhos (14,9%) e homens sem filhos (25,6%) – se adicionarmos ao recorte de gênero a categoria raça, temos que as mulheres negras com filhos que se mantêm produtivas na pandemia representam apenas 3,4%; ii) e dentre os pós-graduandos o quadro se repete, as mulheres com filhos são as que apresentam menor percentual de produtividade durante a pandemia (11%) e, dentre essas as mulheres negras mais uma vez são as mais prejudicadas (9,9%). Para os pós-graduandos, há ainda um dado desta pesquisa que nos interessa, quando perguntados se a pandemia está impactando no progresso da tese ou da dissertação, temos que o impacto é maior sobre as mulheres (83,4%) em relação aos homens (77,5%) (PARENT IN SCIENCE, 2020). Estes dados mais amplos sobre o Brasil nos ajudarão mais adiante para pensar a especificidade do estado do Amazonas.

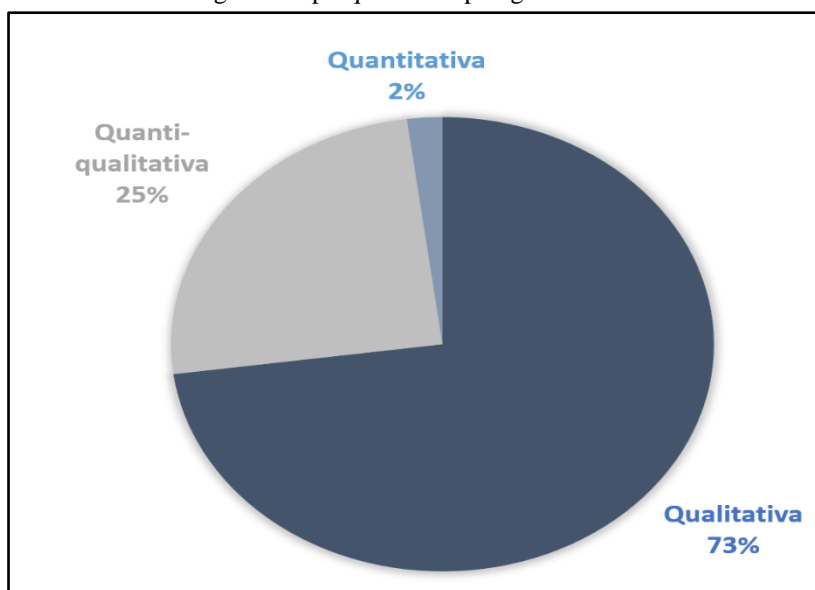
A situação profissional dos pós-graduandos do PPGE/UFAM, expressa pela amostra aqui analisada, revela que uma esmagadora maioria atua em empregos formais com seguridade laboral: 69% são concursados nas secretarias estadual ou municipal de educação, dentre os quais grande parte atua como professor da educação básica; 12% indicaram a condição de estudante como trabalho/emprego atual; 10%, por sua vez, atuam como professores no ensino superior, tanto na própria UFAM, quanto em IES privadas; os demais 9% atuam como assistente social, administrador, psicóloga e um estudante se encontra desempregado. Este quadro é relevante para antevermos que as consequências da pandemia no quesito profissional não implicaram em perda de emprego, posto que um grande contingente dos respondentes é concursado público, contudo, o teletrabalho, a acumulação de funções e as adaptações a novas formas laborais se desenharam para todos esses sujeitos.

Este dado, no entanto, apesar de revelar a seguridade dos empregos dos pós-graduandos estudados, pode ser complexificado quando atentamos para o fato de tais sujeitos virem da área da educação, sobretudo professores/as e pedagogos/as da educação básica. Este é um dado importante porque possui potencial de permitir antever o agravamento das condições sobre as quais os pós-graduandos estiveram durante a pandemia, especialmente aqueles que não conseguiram afastamento para cursar o mestrado ou o doutorado. As pesquisas que têm discutido a precarização dos profissionais da educação nesse cenário têm demonstrado questões de diversas ordens – desde a intensificação da carga horária até o desencaixe com a formação continuada no campo das tecnologias, passando necessariamente pela transformação do ambiente residencial em espaço de trabalho (PALUDO, 2020).

Ainda nesse segundo bloco de caracterização, observemos a formação de nível superior que levou esses sujeitos a galgarem espaço no interior de um programa de pós-graduação em Educação: i) na formação inicial, temos 40% graduados em Pedagogia, 18% em Letras, 15% em Educação Física, 6% em Psicologia, 6% em Geografia, 6% em História e 9% na categoria “Ouros cursos” (Serviço Social, Biblioteconomia e Ciências Biológicas); ii) 80% desses estudantes fez alguma especialização *lato sensu*, aqui já com um enorme direcionamento para a área da Educação; iii) e no caso dos doutorandos, nota-se que a maior parte realizou curso de mestrado na área da Educação (70%), pelo que os demais, que representam 30%, o fizeram em áreas como Letras, Psicologia, Administração, Ciências do ambiente e sustentabilidade na Amazônia, Cultura japonesa contemporânea e Sociedade e Cultura na Amazônia.

No interior do PPGE/UFAM, espaço em que os respondentes desenvolvem suas pesquisas de mestrado e doutorado atualmente, 42% dos respondentes contam com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) ou da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Com temas de pesquisa bastante heterogêneos, uma marca da área da Educação, observemos a partir de agora como esses estudantes se viram afetados pela pandemia e suas implicações. Quando perguntados sobre a/s abordagem/ns que estão a utilizar, temos o seguinte quadro:

Gráfico 1: Abordagens nas pesquisas dos pós-graduandos do PPGE/UFAM



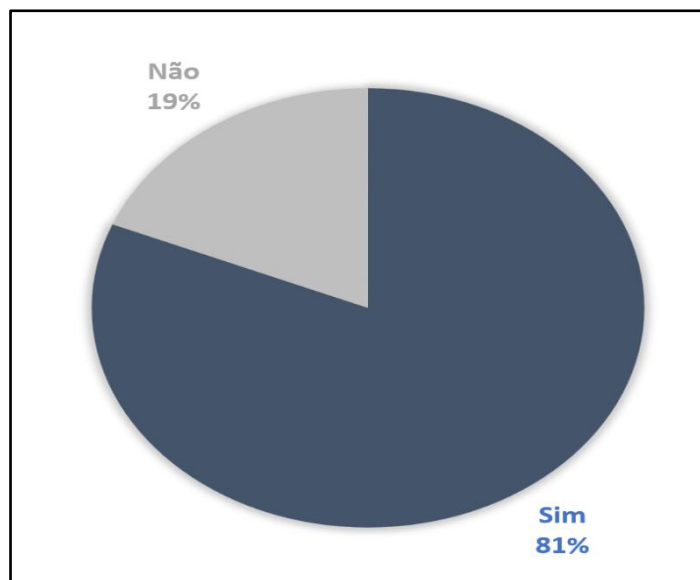
Fonte: Elaboração própria

Sem surpresas o dado que demonstra a abordagem qualitativa de pesquisa figurando como aquela mais recorrente no campo da pesquisa educacional, ao passo que a combinação das abordagens quanti e qualitativa já aparece com um fôlego significativo, indicando um movimento de ruptura – ainda que tímido – entre a ideia de antinomia entre tais abordagens. Esse dado nos interessa sobretudo por demonstrar que aquele movimento de redimensionamento das investigações frente a pandemia que estamos a apontar desde o início do texto, aqui na área da Educação, tem relação direta com a pesquisa qualitativa. Sabendo que mais de 79% dos respondentes ainda não haviam realizado sua qualificação na altura da aplicação do questionário, podemos inferir que os próximos meses possam ainda trazer mudanças quanto a este desenho, uma vez que a banca de qualificação constitui momento decisivo para afinar o design traçado.

A pandemia impôs mudanças nos projetos de pesquisa ao redor do mundo e certamente em todas as áreas de pesquisa. No âmbito das Ciências Humanas e da

Educação, mais especificamente, tais modificações devem-se especialmente à impossibilidade da presencialidade para a realização de pesquisas de campo, bem como para levar a cabo estratégias de levantamento e construção de dados como entrevistas, grupos focais, observação, entre outras. Vejamos, pois, como os redimensionamentos ocorreram no PPGE/UFAM:

Gráfico 2: Mudanças nos projetos de pesquisas dos pós-graduandos do PPGE/UFAM durante a pandemia



Fonte: Elaboração própria

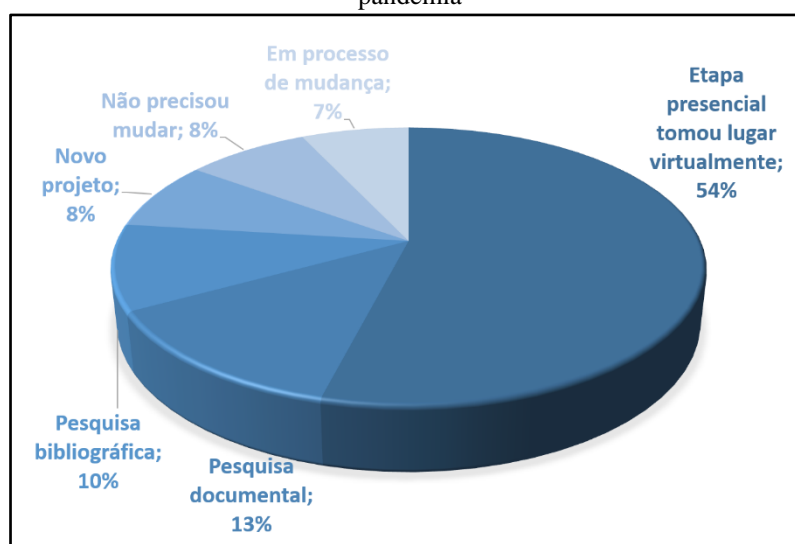
O alto índice de estudantes que precisou promover adequações em seus projetos nos fala sobre os bastidores do trabalho de pesquisador em tempos difíceis como este. Compreendemos que as dissertações e teses elaboradas e defendidas nesse cenário constituem documentos importantes sobre o ofício de pesquisador em meio a uma pandemia, por isso os movimentos de alterações e mudanças de rotas (HISSA, 2013) nos fundamentos metodológicos de um projeto de pesquisa devem ganhar lugar privilegiado nessas dissertações e teses. Com mais de 80% de projetos sofrendo alterações por conta da pandemia, é possível dimensionar o seu impacto sobre os pós-graduandos, suas pesquisas, sobre o programa de pós-graduação e sobre a respectiva área do conhecimento.

Aprofundando este dado, os respondentes nos mostram que: i) inicialmente, antes de a pandemia estourar, 88% deles previam, em algum momento da pesquisa, pesquisa empírica com ida a campo; ii) já com a pandemia se alastrando no Amazonas, 66% desses sujeitos que iriam a campo optaram por manter esta etapa em seus projetos – mas, já apontam também uma nova compreensão desse “campo”, incluindo aqui o espaço virtual e a e-research; iii) quando perguntamos sobre qual seria o campo de suas pesquisas, os

respondentes elegeram a escola de educação básica como principal lócus de investigação (64%), seguida das IES (17%), dos espaços não-formais de educação (10%) e da categoria “Outros” com 9% (sistema prisional e Fazenda Experimental da UFAM).

Nesse sentido, podemos afirmar que, juntamente com essas dissertações e teses, a pesquisa em Educação no cenário pandêmico é obrigada a olhar para os espaços e sujeitos educativos que têm privilegiado de forma distinta, incorporando novos e velhos artefatos, estreitando os laços com as tecnologias e seu potencial para o desenvolvimento das pesquisas nesse campo (ANDERSON; KANUKA, 2003). Atentemos, então, para as principais modificações que os pós-graduandos do PPGE/UFAM precisaram realizar em suas pesquisas:

Gráfico 3: Adaptações nos projetos de pesquisas dos pós-graduandos do PPGE/UFAM durante a pandemia



Fonte: Elaboração própria.

Somente 8% dos projetos em andamento no mestrado e doutorado do PPGE/UFAM não precisaram passar por mudanças face à pandemia, este dado engloba majoritariamente designs metodológicos que já previam, independente do cenário pandêmico, investigações de cunho bibliográfico e/ou documental. Exatamente por isso o quadro sobre as adequações às quais tais projetos precisaram ser submetidos é revelador da imposição das condições pandêmicas sobre a condução das investigações na área da Educação. O *Gráfico 3* explicita que mais da metade desses projetos foram redimensionados por meio da transposição de uma etapa de pesquisa que se daria de forma presencial para o espaço virtual – nessa categoria os respondentes citam estratégias como entrevistas e questionários online, bem como as principais plataformas utilizadas. Juntas, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental foram saídas assumidas por 23%

desses pós-graduandos, nesses casos o objeto de pesquisa continua o mesmo, contudo, as fontes, informações e dados utilizados mudam e concentram-se em materiais disponíveis na internet (dados secundários). Nesse sentido, Oliveira (2021) afirma que, no campo das Ciências Humanas, a pesquisa se “digitalizou” e isso influenciou os temas, objetos, instrumentos de coleta e produção de dados, bem como os aportes teórico-metodológicos para a realização das investigações nesse período.

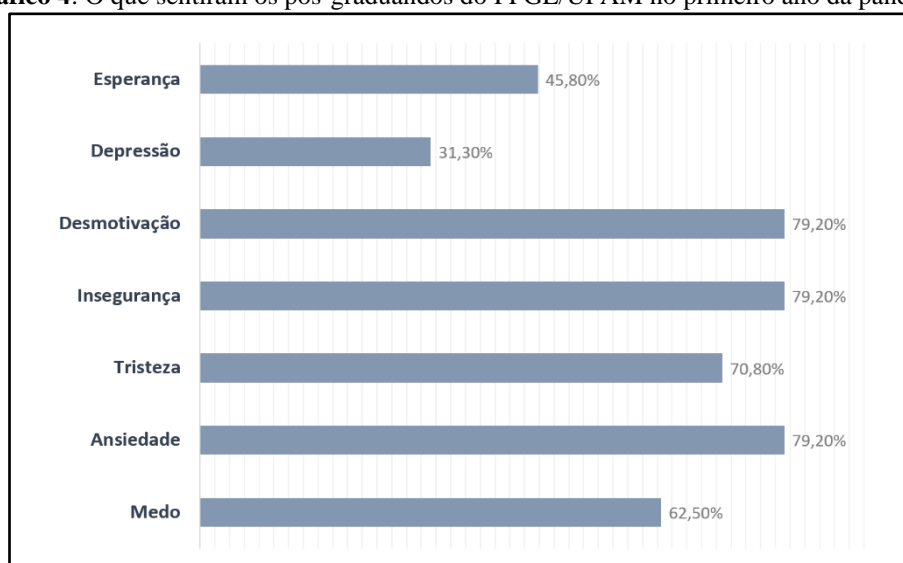
Chamamos atenção ainda para aqueles discentes que necessitaram realizar um processo mais complexo em meio à pandemia, elaborar um novo projeto. Para 8% dos respondentes o cenário pandêmico tornou inviável levar a diante o projeto traçado inicialmente e, sem muitas possibilidades de ter acesso a informações e dados acerca de seus objetos e sujeitos de pesquisa por meio da internet, tomaram a decisão, juntamente com os orientadores, de elaborar um novo projeto de pesquisa. Este dado é bastante significativo para a realidade aqui analisada, uma vez que os povos, os tempos, os espaços e os desafios amazônicos, pela sua diversidade, muitas vezes não conseguem ser alcançados por essas ferramentas tecnológicas. Desse modo, os sujeitos pesquisados, por meio de suas experiências como pós-graduandos em Educação no meio de uma pandemia vão nos ensinando sobre as potencialidades que vão se abrindo, mas também sobre os limites, dadas as especificidades locais.

4.1 Para além das pesquisas, os desafios pessoais de pós-graduandos na pandemia

Esse breve subtópico ganhou sentido à medida que as respostas dos pós-graduandos ao nosso instrumento foram deixando transparecer suas necessidades de externalizar desafios outros que enfrentaram e enfrentam na pandemia, para além daqueles mais diretamente ligados às suas pesquisas e ao trabalho de pesquisador que desempenham na pós-graduação. Interessante salientar que os elementos que tomam corpo aqui acabam por complementar o que analisamos até o momento, no sentido de ratificar que os estudantes de pós-graduação têm sua vida pessoal e acadêmica atravessadas pelos imbróglis que a pandemia acarreta, e essas questões incidem diretamente sobre seu bem-estar físico e psicológico e conseqüentemente sobre sua atuação no mestrado ou doutorado. Se, conforme relembra Bourdieu (2004), a vida científica é extremamente dura, a pandemia tem amplificado a dureza do cotidiano dos pesquisadores em formação.

Aproximadamente 92% dos respondentes sofreram alguma perda de familiares e/ou amigos durante a pandemia, além disso, muitos relataram que contraíram Covid-19 entre março de 2020 e abril de 2021 – tendo sido obrigados a se afastarem momentaneamente do curso e de suas respectivas pesquisas, alguns desses discentes solicitaram trancamento de matrícula e/ou necessitaram de um prazo maior para a qualificação de seus trabalhos. Estes dados já nos dão pistas importantes sobre as condições físicas e afetivas que marcaram esse período nas vidas desses discentes. O *Gráfico 4*, abaixo, sistematiza essas condições sob a forma daquilo que esses sujeitos relataram sentir nesse período:

Gráfico 4: O que sentiram os pós-graduandos do PPGE/UFAM no primeiro ano da pandemia



Fonte: Elaboração própria

Os percentuais ultrapassam o número da nossa amostra, porque os respondentes podiam, nessa questão em específico, apontar quantos sentimentos desejassem. É importante considerar que esses sentimentos frente à pandemia provavelmente foram compartilhados por grande parte da população mundial, e que no caso da especificidade dos sujeitos que estamos a analisar nos falamos muito de um cenário em que os pesquisadores que estão em processo de formação e de desenvolvimento de pesquisas de mestrado e de doutorado se veem desamparados no cenário pandêmico. As incertezas que já marcavam as vidas dos estudantes de pós-graduação no Brasil – sujeitos que muitas vezes dependem de bolsa de estudos para sobreviver, ou buscam aliar estudo, pesquisa e trabalho etc. – acabaram por ser aprofundadas com a pandemia.

Ornel *et al.*, (2020, p. 12), analisando o cenário pandêmico no Brasil, alertam que “essas incertezas têm consequências em diversos setores, com implicações diretas no

cotidiano e na saúde mental da população”. Nessa mesma esteira, Malta *et al.*, (2020b) asseveram que o prolongamento da pandemia e suas consequências têm consolidado impactos biopsicossociais à saúde individual e coletiva. Explorando o *Gráfico 4* para compreender a situação dos discentes do PPGE/UFAM, vale a pena assinalar a força com a qual aparecem os sentimentos mais duros relatados por esses estudantes, em detrimento da “esperança” que aparece somente à frente da “depressão”. Nesse sentido, o medo, a ansiedade, a tristeza, a insegurança e a desmotivação aparecem todos com mais de 60% – chama atenção que a ansiedade, a insegurança e a desmotivação batem mais de 79% cada uma –, demonstrando sob que condições psicológicas os estudantes de pós-graduação têm trabalhado desde o início da pandemia.

5 Considerações Finais

Compreender as marcas da pandemia tem sido um exercício assumido nas diferentes áreas do conhecimento desde 2020 e, no caso das Ciências Humanas e Sociais, as análises têm incidido sobre as mais variadas áreas da vida social (a saúde, a educação, a segurança) e o presente artigo empenhou-se na tarefa de compreender as transformações que a pandemia tem trazido para o cotidiano de pesquisadores em formação, e mais precisamente os pós-graduandos da área da Educação. A pesquisa em questão permitiu que compreendêssemos as consequências decorrentes da pandemia nas vidas, nos estudos e nos projetos dos pós-graduandos do PPGE/UFAM.

A pesquisa realizada teve como instrumento para coleta de dados um questionário semiestruturado disponibilizado por meio do *Google Forms*, que continha em sua estrutura três partes, considerando a identificação dos sujeitos da pesquisa, suas características como pós-graduandas/os e os impactos da pandemia em seus respectivos projetos de pesquisa. A coleta de dados contou com a adesão e participação de 48 estudantes atualmente matriculados no PPGE/UFAM.

Ainda na fase de caracterização dos sujeitos analisados, já conseguimos identificar uma das particularidades do campo científico e que foi acentuada com a pandemia e com as medidas de restrição e isolamento social: as mulheres são mais prejudicadas academicamente por acúmulo de papéis sociais e profissionais. Com o início desse cenário pandêmico passaram a ser sobrecarregadas com tarefas e funções dos campos pelos quais transitam no seu cotidiano, como ser mãe, pesquisadora, dona de casa, educadora e entre outras. Essa sobrecarga fica muito evidente quando verificamos as

diversas pesquisas sobre essa temática e como ela afeta a produtividade científica das mulheres que possuem ou não filhos. Mesmo com a consolidada tendência de as mulheres serem maioria nos programas de pós-graduação no Brasil, ainda são visíveis situações como essas e o modo como isto prejudica as mulheres pesquisadoras, a pandemia ratifica, portanto, uma discrepância social entre os sexos no âmbito da academia, e os nossos dados demonstraram que esse cenário também se confirma no cenário amazonense.

Como já esperado as pesquisas de abordagem qualitativa são maioria – tendência amplamente reconhecida na área da Educação –, e apresentam no PPGE/UFAM mais de 70% dentre os respondentes, seguida pela abordagem quanti-qualitativa com 25% e quantitativa com percentual bem baixo. Entendemos, assim, que adequar, modificar e reconstruir as pesquisas no campo educacional, com uma abordagem qualitativa que predominantemente utiliza instrumentos de coleta de dados que seriam aplicados e coletados presencialmente, é um movimento um tanto expectável considerando o momento pandêmico que estamos enfrentando. E no programa de pós-graduação em questão tivemos mais de 80% dos respondentes ao questionário que alegaram a necessidade de modificações em seus projetos entre 2020 e 2021.

As razões para estas modificações são diversas, mas encontram maioria na limitação e impedimento da realização de pesquisas de campo: 88% de nossos respondentes previam inicialmente em seus projetos a realização de alguma etapa de ida a campo, o que decaiu para 66% depois do início da pandemia – um complemento a este dado faz-se mister, posto que para esses 66% identificamos uma mudança de visão sobre o que seria o “campo”, incluindo agora ambientes virtuais e *e-research*. Quanto às mudanças no projeto de pesquisa em função da pandemia, elencamos algumas rotas alternativas que nossos respondentes destacaram: etapas que dependiam da presencialidade foram adaptadas para os ambientes virtuais; transformações de pesquisas de campo em pesquisas dos tipos bibliográfica e/ou documental; necessidade de elaboração de um novo projeto de pesquisa, porque tornou-se inviável concretizar o projeto que havia sido construído antes da pandemia.

Outro aspecto importante são os desafios amazônicos frente à pandemia e o processo de pesquisa qualitativa, visto que muitos dos discentes do PPGE/UFAM tinham como pesquisa de campo locais que se encontram em comunidades ribeirinhas, do campo ou indígenas que possuem limitações de acesso físico e que englobam os aspectos de acessibilidade dos sinais de telefonia e internet. Desse modo, pesquisas que poderiam ser

realizadas em ambientes virtuais ganham nesse cenário limitações objetivas ligadas às especificidades dessas latitudes.

Ademais, este estudo nos permitiu perceber o movimento que os pós-graduandos em Educação estão realizando no sentido de uma adequação às novas configurações de estudos, pesquisa e vida acadêmica acarretadas pelo cenário pandêmico, que no âmbito da investigação lhes coloca diante de novos espaços virtuais de coleta e produção de dados, modificando suas relações com o campo científico, com o *campus* universitário, orientador/a e colegas de turma, bem como com seus próprios objetos de pesquisa.

Referências

- ANDERSON, T.; KANUKA, H. **E-Research: methods, strategies and issues**. Boston: Allyn & Bacon, 2003.
- BARRETO, R. S.; MONTEIRO, L. de S. Maternidade, trabalho e temporalidade: diálogos relevantes na Covid-19. In: SOUTO-MARCHAND, A. S. de; GALVÃO, E.; FERNANDES, M. (Orgs.). **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 26-35.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. Tradução: Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BRASIL. Lei n. 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 7 fev. 2020a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria n. 329, de 11 de março de 2020. Institui o Comitê Operativo de Emergência do Ministério da Educação - COE/MEC, no âmbito do Ministério da Educação. **Diário Oficial da União**, ed. 49, seção 1, Brasília, DF, p. 165, 12 mar. 2020b.
- BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. **Diário Oficial da União**, ed. 53, seção 1, Brasília, DF, p. 39, 18 mar. 2020c.
- CARNEIRO, L. de A. *et al.* Use of technologies in Brazilian public higher education in times of pandemic COVID-19. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 9, n. 8, p. 1-18, 2020.
- CARRACA, S. As ciências humanas e sociais entre múltiplas epidemias. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 1-6, 2020.
- DAL-FARRA, R. A.; LOPES, P. T. C. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013.

FERREIRA, P. L. **Estatística Descritiva e Inferencial**: breves notas. Coimbra: Faculdade de Economia/UC, 2005. Disponível em:

<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/9961/1/AP200501.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HISSA, C. **Entrenotas**: Compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

KISSLER, S. *et al.* Projecting the transmission dynamics of SARS-CoV-2 through the postpandemic period. **Science**, [S.I.], v. 368, n. 6493, p. 860-868, maio 2020.

MALTA, D. C. *et al.* A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 1-13, 2020a.

MALTA, D. C. *et al.* Distanciamento social, sentimento de tristeza e estilos de vida da população brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro, v. 44, n. Especial, p. 1-21, 2020b.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Painel Coronavírus**. Brasília, 2022. Disponível em:

<https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 29 mar. 2022.

OLIVEIRA, A. A quarentena é branca: classe, raça, gênero e colonialidade. **Realis**, Recife, v. 10, n. 01, p. 193-203, jan./jun. 2020.

OLIVEIRA, V. H. N. Desafios para a pesquisa no campo das Ciências Humanas em tempos de pandemia da Covid-19. **Boletim de Conjuntura (Boca)**, Boa Vista, ano III, v. 5, n.14, p. 93-101, 2021.

ORNEL, F. *et al.* Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Revista debates in psychiatry**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 12-17, abr./jun. 2020.

PALUDO, E. F. Os desafios da docência em tempos de pandemia. **Em Tese**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 44-53, jul./dez. 2020.

PARENT IN SCIENCE. **Produtividade acadêmica durante a pandemia**: efeitos de gênero, raça e parentalidade. 2020. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

RIBAROVSKA, A. *et al.* Gender inequality in publishing during the COVID-19 pandemic. **Brain Behav Immun.**, [S.I.], n. 91, p. 1-3, 2020.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, G. M. T. dos *et al.* Educação superior: Reflexões a partir do advento da pandemia da covid-19. **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**, Boa Vista, ano II, v. 4, n. 10, p. 107-115, 2020.

SILVA, C. F. da. **(Ciências da) Educação no Brasil e em Portugal**: autonomização dos espaços acadêmicos específicos. 2017. 334f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2017.

SOUSA, T. V. de. *et al.* COVID-19: A importância da pesquisa científica. **REVISIA**, Valparaíso de Goiás, v. 9, n. Esp., p. 573-575, 2020.

SOUTO-MARCHAND, A. S. de.; GALVÃO, E.; FERNANDES, M. (Orgs.). **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade**, volume 1: artigos produzidos durante a Pandemia de Covid- 19 em 2020. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

UNESCO [UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANISATION]. **COVID-19 Educational disruption and response**. Paris: Unesco, 30 July 2020. Disponível em: <http://www.iiep.unesco.org/en/covid-19-educational-disruption-and-response-13363>. Acesso em: 26 maio 2021.

WHO [WORLD HEALTH ORGANIZATION]. **Global research on Coronavirus disease (COVID-19)**. Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/global-research-on-novel-coronavirus-2019-ncov>. Acesso em: 01 jul. 2021.

Recebido em: 11 de julho de 2021.

Aceito em: 15 de março de 2022.